UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO

VÍTOR HUGO CORTÊS CALEFFI (LEFFS)

Música *queer* no Brasil: análise sobre Glória Groove e Linn da Quebrada

São Paulo
2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO

Música *queer* no Brasil: análise sobre Glória Groove e Linn da Quebrada

Vítor Hugo Cortês Caleffi (Leffs)

Projeto para o Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais.

Orientadora: Profa. Ms. Cláudia Vendramini Reis

São Paulo

2022

MÚSICA QUEER NO BRASIL: ANÁLISE SOBRE GLÓRIA GROOVE E LINN DA QUEBRADA[1]

Vítor Hugo Cortês Caleffi (Leffs)[2]

Resumo: O campo da cultura é atravessado por diversos recortes de segmento, canais, linguagem, estilos de performance e também das pautas sociais dos grupos produtores de cultura. No universo da música popular brasileira, a comunidade LGBTQIAP+ tem aparente representatividade atualmente, contudo, questiona-se as limitações destes corpos dentro do contexto da hegemonia cultural e econômica. Este projeto se propõe a realizar um levantamento bibliográfico e midiático sobre a relação da comunidade LGBTQIAP+ e a música popular brasileira para produzir uma análise crítica e teórica sobre o discurso desta cena artística, por meio dos projetos das artistas Glória Groove e Linn da Quebrada.

Palavras-chave: Comunidade LGBTQIAP+. Música Popular Brasileira. Hegemonia cultural. Análise discursiva.

---

[1] Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais.

[2] Graduada em Engenharia de Produção pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e pós-graduanda em Gestão de Projetos Culturais, no Celacc, ECA/USP.

1. Introdução

A música sempre se configurou como uma das principais expressões simbólicas da humanidade. No decorrer dos séculos, essa linguagem artística esteve presente como um recorte espaço-temporal da sociedade, atuando como uma das bases para a cultura de um povo.

Da mesma forma, a música também serviu de canal para grupos de contracultura, enquadrados no conceito de minorias sociais de Sodré (2010), que provocavam cisões nas estruturas sociais com sua interpretação sobre as relações sociais e o modo de viver hegemônico. Como exemplo, tem-se o movimento punk, o qual surge com uma proposta política revolucionária e anárquica com intensos atravessamentos em projetos de música e, também, de moda.

Outro grupo que utilizou a música como forma de expressão para suas lutas e vivências políticas é a comunidade LGBTQIAP+. É possível perceber que esse grupo atua de maneira transversal em diversos gêneros musicais na contemporaneidade. Antes de forma bastante velada e, cada vez mais, com um posicionamento claro e político em defesa dos direitos dos corpos dissidentes da heterocisnormatividade e sua performatividade (BUTLER, 2020).

A luta dos movimentos sociais identitários, aquecidos na década de 1960, tem papel fundamental na formatação dos movimentos e pautas de grupos minorizados da contemporaneidade. Desde então, muitos avanços foram feitos e parte das pautas ligadas a questões mais estruturais do sistema patriarcal-colonial-capitalista, foram cooptadas pelo mercado em prol de uma maior assimilação midiática do discurso dissidente na sociedade em geral. (SODRÉ, 2010)

A música não está desvinculada desta discussão. Houve um aumento significativo no mercado fonográfico brasileiro de artistas LGBTQIAP+ populares. Os limites espaciais, antes muito bem delimitados, foram ultrapassados e novos públicos atingidos pela música da comunidade. Com isso, recortes sociais entre as letras da sigla LGBTQIAP+ também ganharam visibilidade e as discussões de cultura e sociedade se aprofundaram sobre perspectivas previamente subjugadas. (WASSER, 2020 p. 8 a 10)

Neste artigo elabora-se sobre os aspectos discursivos desta cena da música popular brasileira junto às suas contribuições e contradições no discurso midiático, levando em conta a trajetória de duas artistas expoentes: Glória Groove e Linn da Quebrada.

Historicamente os corpos dissidentes do padrão heterocisnormativo, são marginalizados socialmente. A falácia da representatividade midiática corrobora com a ideia de que isso foi superado, uma vez que alguns corpos seletos desse grupo quebraram a barreira social pela via do mercado.

A representatividade não dá cabo de solucionar as problemáticas concretas e estruturantes do cotidiano dos corpos marginalizados, mesmo aqueles que são cooptados pela mídia. Portanto, torna-se imprescindível, primeiramente questionar o real impacto e os limites desse recurso para a materialidade desses sujeitos.

Ainda se percebe que, dentro da lógica da representatividade, alguns corpos ocupam maior espaço na mídia e têm aderência facilitada à norma. Outros, por sua vez, mesmo que dispostos a fazer concessões encontram barreiras para a inserção no discurso midiático. Considera-se de suma importância compreender quais são as métricas e valores que segmentam e qualificam esses corpos, problematizando a reificação dos indivíduos ocasionada nesse processo.

No campo da música brasileira, é possível identificar um padrão de corpos estereotipados e palatáveis para a indústria fonográfica, limitando a diversidade de artistas LGBTQIAP+ ao consumo e à receptividade mercadológica.

Torna-se necessária, portanto, a análise discursiva da relação do padrão midiático da comunidade LGBTQIAP+ no campo da música popular brasileira.

Para isto irá se basear nos conceitos de cultura, grupos minorizados, corpo político e compulsão de gênero pelos autores Williams (1958), Thompson (2011), Sodré (2010), Foucault (1975) e Butler (2020), respectivamente.

Metodologicamente, o trabalho se constituirá como um estudo de caso sobre as carreiras das artistas citadas e a análise crítica de sua relação com a sociedade a partir de suas trajetórias e dos conceitos dos autores, seguindo as etapas de levantamento bibliográfico, mapeamento de mídias, assimilação dos conteúdos, análise teórica e discursiva.

2. Contextualização teórica

Fundamentar alguns conceitos para o embasamento deste projeto, levando em consideração a literatura de referência, torna-se essencial.

Primeiramente, o artigo tem como pilar a discussão sobre cultura e grupos minorizados socialmente. Williams (1958, p.2) constrói a sua concepção de cultura como algo comum e cotidiano aos seres humanos, acreditando que:

> *"A formação de uma sociedade é a descoberta de significados e direções comuns, e seu desenvolvimento se dá no debate ativo e no seu aperfeiçoamento, sob a pressão da experiência, do contato e das intervenções, inscrevendo-se na própria terra."*

Thompson (2011) complementa que cultura pode ser interpretada a partir de seu caráter simbólico como significados, atribuídos a formas simbólicas, compartilhados em determinado grupo sobre um viés de assimetria de poder entre os envolvidos. A partir desse ponto de vista, compreende-se que socialmente é posta uma cultura hegemônica, privilegiando determinados grupos em detrimento de outros.

Nesse contexto, Sodré (2010, p.1) elucida o conceito de grupos minorizados:

> [...] a noção contemporânea de minoria - isto que aqui se constitui em questão - refere-se à possibilidade de terem voz ativa ou intervirem nas instâncias decisórias do Poder aqueles setores sociais ou frações de classe comprometidas com as diversas modalidades de luta assumidas pela questão social. Por isso, são considerados minorias os negros, os homossexuais, as mulheres, os povos indígenas, os ambientalistas, os antineoliberalistas, etc. O que move uma minoria é o impulso de transformação.

A comunidade LGBTQIAP+, portanto, é colocada em posição de vulnerabilidade cultural neste campo de assimetria de poder e atua sobre a cultura de maneira subjugada, entre as frestas da contracultura, em espaços limitados e em discursos marcados, direta ou indiretamente, pela falta de poder. O conceito de Foucault (1975, p.29-30) de corpo político embasa esta discussão:

> [...] o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Esse investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica [...] o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso [...] Trata-se de alguma maneira de uma microfísica do poder posta em jogo pelos aparelhos e instituições, mas cujo campo de validade se coloca de algum modo entre esses grandes funcionamentos e os próprios corpos com sua materialidade e força.

Corroborando com as ideias de Foucault (1975) de que o corpo está inserido e sofre influências diretas e incisivas de um sistema de poder, Butler (2020, p.241) discorre sobre as identidades da comunidade LGBTQIAP+ e a compulsão da heterocisnormatividade:

> [...] gênero é um projeto que tem como fim sua sobrevivência cultural, o termo estratégia sugere mais propriamente a situação compulsória em que ocorrem, sempre e variadamente, as performances de gênero. Portanto, como estratégia de sobrevivência em sistemas compulsórios, o gênero é uma performance com consequências claramente punitivas. Os gêneros distintos são parte do que 'humaniza' os indivíduos na cultura contemporânea; de fato, habitualmente punimos os que não desempenham corretamente o seu gênero.

Ainda, torna-se essencial compreender que a absorção destes conceitos pela sociedade tem como base os pilares do meio técnico, o aparato institucional e o distanciamento espaço/temporal do interlocutor com a mídia, sendo esses os aspectos da Transmissão Cultural de acordo com Thompson (2011, p.226-288) que servirão de base para o conceito de comunicação de massa: "a produção institucionalizada e a difusão generalizada de bens simbólicos através da transmissão e do armazenamento da informação/comunicação". A partir desses conceitos, elabora-se a análise sobre quais os rompimentos com o sistema hegemônico de cultura e gênero as artistas do estudo executam ao produzirem sua arte e quais elementos simbólicos, estético-conceituais, de seus projetos são os responsáveis por sua sobrevivência e subversão deste sistema.

3. Análise da mídia e seus canais

Parte importante da construção da imagem pública de um artista passa pelo espaço midiático que este ocupa, o qual têm um papel de distribuição e validação do trabalho artístico apresentado. Dentre os possíveis canais de veiculação encontram-se o jornal impresso, as revistas, o rádio, a televisão e a internet. Neste artigo, serão abordados conteúdos midiáticos veiculados, principalmente, nos dois últimos meios listados.

O fortalecimento da comunicação de massa tem relação importante com o fortalecimento do sistema capitalista e do comércio. Os folhetins e jornais se popularizaram na Europa no século XV e a imprensa passou a ser "interligada de maneiras complexas com o exercício do poder político", como afirma Thompson (2011, p. 231-233). Com o avanço e consolidação do capitalismo como sistema econômico, a imprensa também desenvolveu sua indústria e conglomerados, com acordos políticos que corroboraram para a expansão da distribuição de seus materiais.

Com o surgimento da energia elétrica, os meios de comunicação mudaram significativamente. Transmissões por rádio e, posteriormente, pela televisão se tornaram os principais canais de comunicação em massa e formação de opinião. Nesse contexto, dois modelos de organização institucional e relacionamento com o estado-nação de difusão se desenvolveram: o estadunidense e o inglês. Thompson (2011, p. 242 -252) aponta que, nos Estados Unidos:

> [...] as estações estavam integradas em redes nacionais competitivas que controlavam a distribuição dos programas, e o lucro era conseguido principalmente pela venda de tempo aos que queriam fazer publicidade.

Já na Inglaterra, o autor afirma que existia um tratamento mais cauteloso e regulado em relação ao controle governamental, consolidando a ideia de um serviço público de difusão. Estes foram os modelos base para outros países e sistemas de difusão ao redor do mundo.

Nesta seção, será discutido sobre os canais de comunicação, televisão e internet, bem como as mídias transmitidas nestes veículos.

a. Televisão

Inventada na década de 1930 e popularizada entre as décadas de 1940 e 1950, a televisão é um dos grandes modais de comunicação de massa da atualidade. O alcance de suas transmissões por satélite abarca desde os grandes centros até as regiões mais periféricas do globo. (THOMPSON, 2011 p.243)

No Brasil, a televisão se trata de uma concessão estatal aos grupos de comunicação responsáveis pelas faixas de frequência. Um modelo de sistema de difusão público, bem como o inglês, porém muito influenciado pelo sistema estadunidense, dado a proximidade geográfica e influência política e cultural. Como concessão pública, os canais fornecem gratuitamente a transmissão para os brasileiros. Com exceção dos canais "à cabo" que restringem seu sinal aos seus assinantes.

Os canais gratuitos, como Globo, SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), Bandeirantes e Record, possuem linhas editoriais de comunicação popular de massa, com foco em programas que contemplem a maior parte da população brasileira e possibilitem a comercialização de espaço publicitário tanto em seu intervalo comercial como nos programas e produtos da casa.

Dado o ganho comercial com publicidade, típico do modelo estadunidense e da teoria liberal, os meios de comunicação que almejavam liberdade de expressão acabaram se tornando prisioneiras deste sistema, subestimando, segundo Thompson (2011, p. 327) as causas da dependência de um "[...] processo altamente competitivo e crescentemente global de acumulação de capital, um processo que resultou num declínio constante no número de jornais e numa concentração crescente de recursos nas mãos de conglomerados da multimídia e nas de empresários idiossincráticos."

O objetivo comercial, majoritariamente, promove uma restrição dos conteúdos veiculados nas emissoras abertas. Pautas sociais, como o da comunidade LGBTQIAP+, são historicamente abordadas de forma superficial e veladas, quase sempre reforçando o discurso cishétero normativo e reforçando a assimetria de poder entre a classe dominante e o grupo minorizado.

Nas duas últimas décadas, o advento da internet, e seus desdobramentos, promoveu mudanças inclusive nos conteúdos da televisão. A ampliação do debate político-social de pautas afirmativas nas redes sociais provocou mudanças nas tradicionais linhas editoriais das emissoras, reduzindo conteúdos atualmente percebidos como misóginos, racistas e LGBTQIAP+fóbicos, bem como aumentando a representatividade de corpos e vivências diversas.

b. Internet

A internet se popularizou no uso social entre os anos 1990 e 2000 como um canal alternativo de comunicação. Um espaço novo, virtual, sem formatos e com liberdade para comunicação de forma geral. Mesmo com diversas tentativas de regulação estatal ao redor do mundo, ainda é difícil estabelecer um controle absoluto de fato sobre o uso da internet, o que a diferencia dos demais meios de comunicação. (ARAÚJO, 2014 p.43)

No decorrer dos anos, o formato de comunicação via internet se consolidou. O que antes era um meio de comunicação alternativo passou a ser, muitas vezes, o principal canal de diversas instituições.

As redes sociais têm papel fundamental nisso, são elas as responsáveis pela revolução da conexão humana de maneira geral, permitindo além de uma simples troca de informações, mas a expressão de emoções, troca de imagens e vídeos das mais diversas maneiras, gravados e também ao vivo. (WELLMAN apud ARAÚJO, 2014 p.44).

Com base nos estudos de Araújo (2014, p.44), pode-se afirmar que os debates gerados pelas redes sociais redefiniram as concepções sobre os mais diversos temas, com destaque para as pautas relacionadas a discriminação a grupos minorizados socialmente. A possibilidade de se conectar à distância favoreceu a conexão e fortalecimento de grupos de forte estigma social para compartilhar suas dores e empoderar seus discursos.

A partir deste contexto surgem novos artistas, novos comunicadores e influenciadores mais diversos e entramos na era da representatividade, o que impactou inclusive na forma como outros modais de comunicação se

comportam. Novos corpos alcançaram notoriedade midiática e as pautas sociais avançaram suas discussões. O surgimento de uma mídia de massa alternativa consolidou uma nova era na comunicação.

Apesar deste avanço, ressalta-se o elitismo presente no acesso a internet no Brasil, uma vez que o acesso a tecnologia de equipamentos e também a rede mostra-se desigualmente distribuído no país, o que limita seu alcance comparado aos outros meios tradicionais (ARAÚJO, 2014 p.43)

Questiona-se quais são os limites desta representatividade, quais corpos acessam estes espaços e qual a liberdade os é dada neste contexto. Também se indaga se a nova realidade da televisão e da internet é o suficiente para garantir a mudança da realidade estrutural de assimetria de poder.

4. O conteúdo midiático

A partir dos canais delimitados, pode-se debater sobre os conteúdos produzidos e distribuídos nestes contextos. O foco deste trabalho são os produtos audiovisuais dos canais abordados, relacionados às trajetórias das duas artistas estudadas: Glória Groove e Linn da Quebrada.

Tratam-se de entrevistas e debates que promovem discussões em maior ou menor grau sobre as carreiras, vivências, opiniões, processos criativos e oportunidades das artistas em suas trajetórias respectivas.

Nesta seção, aborda-se o formato das entrevistas e suas perguntas, as respostas das entrevistadas e as principais conclusões apresentadas nesses conteúdos sobre os temas apresentados.

a. Metodologia de pesquisa

Segundo Miguel (2012), a pesquisa científica pode ser segmentada em quantitativa e qualitativa. A primeira abordando de forma a mensurar variáveis de pesquisa e a segunda em que o foco está na perspectiva dos indivíduos e a interpretação do ambiente em que o instrumento de pesquisa ocorre.

Dentro do contexto da pesquisa quali-quantitativa, o estudo de caso é quando “o pesquisador tem baixo grau de envolvimento com os indivíduos e a

organização pesquisada". Ressalta-se que "a combinação de abordagens permite que a vantagem de uma amenize a desvantagem de outra" (MIGUEL, 2012, p.58).

Entre as abordagens combinadas, encontra-se o método explanatório, o qual tem como objetivo "obter uma explicação sobre determinados resultados esperados ou inesperados da aplicação da abordagem quantitativa" por meio da análise qualitativa (MIGUEL, 2012, p.61).

O trabalho proposto tem abordagem quali-quantitativa. Trata-se de um estudo de caso com características explanatórias sobre a cena LGBTQIAP+ na música popular brasileira, com base na trajetória de Glória Groove e Linn da Quebrada.

A pesquisa foi realizada com base em materiais midiáticos das artistas focais disponíveis na internet, mais especificamente no formato de vídeo na plataforma *YouTube*. A escolha das artistas foi feita levando em consideração a origem geográfica, ambas surgiram na Zona Leste da cidade de São Paulo e carregam consigo símbolos e referências da região. Este aspecto permite comparar as trajetórias das artistas de forma mais coerente, levando em conta o contexto social e territorial de ambas.

A Zona Leste de São Paulo teve origem devido ao processo de expansão da capital, como aponta Lemos e França apud Campos (2017, p.26-33)

> [...] a cidade de São Paulo envolve a periferia, transformando pacatos subúrbios em partes integradas ao centro, através de loteamentos, legais ou não e aumento da população oriunda do nordeste, de Minas Gerais e demais regiões do país. Uma das principais causas desta expansão é a industrialização. Isto ocorreu na periferia de São Paulo, incluindo a Zona Leste.

Devido a este processo, Campos (2017, p. 26-33) aponta que a região passou por uma crise habitacional devido a especulação imobiliária da cidade de São Paulo, marcando a região (para além de sua diversidade cultural), por

desigualdades sociais e ocupações irregulares, com alta criminalidade, e acesso dificultado a sistemas públicos de saúde e educação.

b. O formato das entrevistas

Foram analisados doze conteúdos de cada artista, segmentados entre programas de TV e canais no *YouTube* de influenciadores ou de portais de notícias. Dentre estes, o principal formato é o de entrevista tradicional, com o entrevistador presente e direcionando as perguntas a artista sem intermediários, com alterações acessórias como plataformas virtuais ou dinâmicas de apresentação e quadros distintos.

Em relação a Glória, as plataformas são programas de televisão (aberta e por assinatura) e reportagens de portais de notícias de entretenimento. Daniel (nome do intérprete de Glória Groove) cresceu na Zona Leste de São Paulo e suas raízes culturais partem desta fonte. Desde criança trabalha como artista, tendo integrado a segunda formação da banda infantil Balão Mágico[3], participado do programa de calouros do Raul Gil[4] na Rede Bandeirantes e atuado como dublador. Em 2017, a *drag queen* Glória Groove, alterego de Daniel, um homem cisgênero, *gay*, alcança relevância nacional com o lançamento de seu primeiro álbum de estúdio "O Proceder". Desde então, sua carreira tem se consagrado e plataformas consolidadas da mídia tradicional lhe dado espaço para a distribuição de seu trabalho. Alguns exemplos são as entrevistas e participações em programas da grade do SBT, como o programa de entrevistas de Danilo Gentilli[5], The Noite, bem como o Programa da Maísa, apresentado por Maísa Silva[6], e também da rede Globo,

[3] Grupo musical infantil brasileiro consagrado na década de 1980 e com nova formação nos anos 2000, da qual Daniel Garcia foi integrante.
[4] Raul Gil é um apresentador, cantor e compositor brasileiro, reconhecido por seus programas de televisão em que apresentava novos talentos da música.
[5] Danilo Gentilli é um comediante e apresentador, conhecido como um dos precursores do stand-up comedy no Brasil. Gentilli também é reconhecido por seu posicionamento político liberal na economia e conservador nos costumes.
[6] Maísa Silva é atriz e apresentadora brasileira. Ficou famosa por suas participações nos programas de Raul Gil e como apresentadora do programa Bom Dia & Cia no SBT.

como Encontro com Fátima Bernardes[7] e Domingão do Huck[8] (citando apenas os de TV aberta).

As pautas principais e recorrentes de suas entrevistas são:

- Qual a relação entre identidade de gênero e arte drag queen? Como a artista se identifica? Quais pronomes utilizar?
- O choque da mudança de artista mirim/dublador para drag queen
- Quais os desdobramentos de sua referência de funk e rap?
- O preciosismo do trabalho audiovisual dos clipes da artista

No caso de Linn, os conteúdos em TV aberta são mais escassos, tendo maior aparições em mídias virtuais alternativas, normalmente vinculadas ao tema de cultura, estudos de gênero e debates sociais. Lina Pereira (intérprete de Linn da Quebrada) é também representante da Zona Leste de São Paulo e atribui boa parte de sua formação artística a esta região, assim como Glória Groove. Lina é travesti, teve uma infância longe dos holofotes da mídia e teve seu desenvolvimento artístico através da performance do corpo e movimentos político-estudantis. A partir do lançamento de seu álbum Pajubá, Linn ganha projeção nacional na cena da música alternativa e a partir disso alcança a mídia. Exemplos de plataformas alcançadas por Linn são revistas como em sua entrevista à Carta Capital[9], e canais de televisão por assinatura como GNT[10], na participação do programa Saia Justa apresentado por Astrid Fontenelle[11], Pitty[12], Gaby Amarantos[13] e

---

[7] Fátima Bernardes é uma jornalista e apresentadora brasileira. Foi âncora do Jornal Nacional na Rede Globo, programa em que ganhou notoriedade. Hoje é apresentadora do programa matinal Encontro, da mesma emissora.
[8] Luciano Huck é um apresentador brasileiro. Desde 2021 está a frente do Domingão do Huck, um dos principais programas da emissora.
[9] A Carta Capital é uma revista semanal brasileira da editora Basset LTDA que aborda temas do cotidiano como cultura, economia e sociedade.
[10] GNT é um canal por assinatura que faz parte do grupo Globo SAT de telecomunicações. O canal GNT é reconhecido por trazer programas com discussões relevantes para a diversidade de discursos, vivências e corpos.
[11] Astrid Fontanelle é uma jornalista brasileira, famosa por seu trabalho como VJ da MTV e atualmente apresentadora do programa Saia Justa no GNT
[12] Pitty é uma cantora e compositora brasileira, consagrada dentro do estilo do rock. Atualmente é apresentadora do programa Saia Justa no GNT.
[13] Gaby Amarantos é uma cantora e compositora brasileira, reconhecida por suas músicas no gênero techno-brega. Atualmente é apresentadora do Programa Saia Justa no GNT.

Mônica Martelli[14] e no Canal Brasil[15] atuando como apresentadora do Programa Transmissão juntamente com sua parceira Jup do Bairro[16].

Recentemente, no ano de 2022, Lina integrou o elenco do reality show Big Brother Brasil[17], o principal de sua categoria no país. Esta plataforma mostrou também diversas facetas da relação do público de massa atingido pelo programa com a imagem de Linn enquanto travesti e agitadora cultural.

As pautas principais e recorrentes de suas entrevistas são:

- O que é a identidade travesti?
- Os limites da representatividade
- O contexto político de formação e vivência da artista
- Os conceitos de seu trabalho e sua pesquisa artística

c. As respostas das entrevistadas

Glória Groove (GG), em resposta a relação entre drag queen e identidade de gênero, atualmente responde que se compreende como um homem cis, utilizando os pronomes ele/dele quando não está montada, mas que as marcações e experimentações entre o masculino e o feminino se cruzam e se fortalecem mutuamente. Reforça que Daniel e Glória não são exatamente, totalmente separados, mas que são pilares de sua construção como indivíduo e artista.

Em relação ao início da sua carreira e transição de artista mirim para drag queen, pontua que

> GG - Eu já tinha sido artista na minha infância. O SBT e a Cine Vídeo[18] são lugares que eu vou há 20 anos. No SBT eu ia para participar de concurso do Balão Mágico, do Raul Gil (na verdade

[14] Mônica Martinelli é atriz, dramaturga e jornalista brasileira, reconhecida por seus filmes no cinema nacional. Atualmente é apresentadora do programa Saia Justa no GNT.
[15] O Canal Brasil é um canal por assinatura pertencente ao grupo Globo SAT de telecomunicações. O Canal Brasil é conhecido pela valorização do conteúdo audiovisual nacional.
[16] Jup do Bairro é cantora, compositora e apresentadora brasileira. Apresenta o programa Transmissão juntamente de Linn da Quebrada.
[17] Big Brother Brasil é um programa no formato de reality show em que os integrantes ficam confinados em uma casa 24h por dia durante três meses, eliminados semanalmente, concorrendo a um prêmio em dinheiro.
[18] Cine-vídeo é um estúdio brasileiro de dublagem localizado na cidade de São Paulo.

> na BAND quando eu fiz), na seletiva do Gugu[19] com 6 anos, na Cine Vídeo também aos 6 anos porque eu fazia teste para comerciais. Chegar nesses espaços hoje para trabalhar como a Glória Groove é uma sensação meio louca de 'sou muito jovem, tenho muito a fazer estou começando a minha carreira' mas sinto que eu já tenho 50 anos porque frequento esses lugares a 20 anos. Eu vivo essa cartarse de já ter sido um artista antes da Glória e ser outro artista depois da Glória.

No tema referências, a artista reitera a relevância da Zona Leste de São Paulo para sua formação cultural, bem como sua participação ativa no teatro musical.

> GG - ZL de São Paulo carrega essa coisa enigmática … foi no colégio público que eu fiquei maloca, maloqueira e sagaz. Essa fase me marca muito porque eu não tava só estudando no Marques[20] (colégio público), mas porque eu tava descobrindo o teatro musical. Paralelo a isso, eu tava vivendo a minha carreira de dublador (em meio período), que foi meu ganha-pão durante muito tempo na vida artística, e eu ganhava meu dinheiro de dublagem para pagar meu curso de teatro, pra fazer um curso de montagem. Então, ao mesmo tempo que eu tava nessa fase da escola pública, eu tava nessa 'vamo lá na minha peça' e tal. Eu aprendi muita coisa. É inevitável que a Glória Groove seja produto da minha adolescência. Lembre-se GG é uma criação que eu fiz no auge dos meus 17-18 anos. É natural que ela tenha nascido da minha juventude, porque eu tava aprendendo muita coisa. Eu tava vendo teatro musical, eu tava a vida na escola pública, eu tava vendo *drag queens*, não na tv, mas fora de casa na boate. Tudo mudou ali.

---

[19] Gugu é um apresentador brasileiro, muito famoso por seu programa dominical em que promovia diversos concursos com novos artistas.

[20] Escola Pública Professor José Marques da Cruz, local em que Daniel Garcia cursou seu ensino médio.

Por fim, a artista responde sobre sua dedicação e cuidado com materiais audiovisuais de sua carreira.

> GG - Não é de hoje que eu estou investindo alto nos meus clipes, acho que é agora que estão prestando atenção. É só olhar pro que eu tô fazendo desde 2016 que vai dar pra perceber que eu nunca levei isso de qualquer forma. Minha videografia é uma coisa que eu levo ao pé da letra. Então eu não estou entendendo porque as pessoas estão falando disso só agora. Há três anos eu era uma pessoa que não tinha uma casa própria, que não tinha um carro, pra ter lindos videoclipes. É isso. Eu priorizo meu trabalho nesse tanto. Eu não tenho medo de investir no que eu faço e de bancar o que eu tô falando, porque eu quero muito falar, eu quero muito me expressar, eu acho que nada paga a paz de você ter o que falar.

Linn da Quebrada (LQ) possui uma abordagem mais poética e estruturalista de seu discurso. Seu raciocínio e articulação fazem parte de seu encantamento com o público.

> LQ - Em todas as coisas, eu percebi que as pessoas gostam de me ouvi falar. Eu tenho me perguntado, por que será isso? Eu entendo que seja de alguma forma pelas correntezas do meu pensamento. Mas eu percebi que o que me une em todas as áreas da minha atuação é a palavra. É na palavra que eu faço da minha carne, verbo. É na palavra, pela palavra e com a palavra que eu faço do verbo, carne. Eu faço da palavra vírus e antídoto. Percebo que a palavra tem poder, tem muito poder. A palavra é feitiço e as músicas tem essa possibilidade.

Sobre a identidade travesti, Linn discorre que

> LQ - Travesti é uma coisa que só existe no Brasil. É uma identidade latino americana … O que eu faço é disputa. Eu

disputando territórios. Eu disputo ocupar o espaço de ser travesti e de reinventar o imaginário social. Para que quando eu diga travesti, o que surja na sua cabeça sejam outras imagens. Meu corpo passa de um corpo marginalizado para um corpo espetáculo. De aberração para admiração. É o complexo que eu chamo de duplo A. 'Eu te admiro, mas eu jamais teria coragem de ser como você'.

A temática da representatividade é abordada da seguinte maneira:

LQ - A representatividade é muito importante, mas não pode ser o nosso objetivo final. Porque é impossível que eu e somente eu, com o meu corpo, dê conta de representar toda a comunidade negra ou a população trans e travesti. Eu sou uma e eu sou uma exceção. Eu sou uma travesti que hoje consegue sobreviver do meu trabalho de arte. Quando a gente sabe que na realidade a grande maioria de pessoas trans e travestis estão excluídas e afastadas e há muito tempo se mantém isoladas socialmente. Seja da sua casa, seja dos meios políticos e dos espaços de decisões políticas (congresso) onde de alguma forma nós representamos um perigo.

A formação cultural da artista se dá na Zona Leste de São Paulo e este contexto traz elementos importantes e definitivos de seu trabalho.

LQ - Foi na Fazenda da Juta[21], no extremo leste de São Paulo, que eu começo a formar alianças, criar vínculos e de uma certa forma me mover e mover também as estruturas para que as coisas pudessem se modificar. Eu aprendi a ser forte na periferia, e aprendi que os meus movimentos poderiam nos deslocar e provocar um deslocamento de todas nós enquanto sociedade para que a gente buscasse outros territórios não

[21] Fazenda da Juta é um bairro pertencente ao distrito de Sapopema, localizado na região sudeste da cidade de São Paulo

> minorizados. Se a verdade nós libertará não será apenas porque conheceremos a verdade, mas também produziremos nossas próprias verdades, produziremos os nossos próprios conhecimentos e para isso, é preciso que a gente se lembre de tentar não nos esquecer, que é isso que eles tentam fazer a todo momento.

Por fim, Linn explica que constrói o seu processo criativo a partir da pesquisa da palavra.

> LQ - Pajubá [seu primeiro álbum] foi um outro momento. Foi muito importante, foi uma investigação sobre, pela e na linguagem. Pajubá é uma linguagem construída através de expressões da comunidade TLGBQIA+, é uma linguagem de resistência. É uma linguagem viva, uma intervenção na própria linguagem. O que eu acho mais interessante em Pajubá (o álbum) é que essa intervenção na linguagem atravessa meu corpo de uma forma muito especial. É com Pajubá que eu faço uma construção da minha identidade. Com Pajubá eu Enviadesci, eu me disse Bixa Preta, eu me Transtornei mulher. E agora com meus 30 anos estar me perguntando quem sou eu. É com esse corpo travesti que eu construo o Trava-Línguas. Além de trazer em si a Trava travesti e a trava que abre mentes, trava-línguas é também uma expressão da linguagem. A pouco tempo eu percebi que meus dois álbuns tratam a linguagem. Trava-línguas em si diz respeito a algo que é difícil de ser dito. Que tem a ver com a repetição de palavras. E o que eu faço com Trava-línguas tem a ver também com algo que podemos dizer que é difícil de ser dito, que é difícil de ser nomeado. Mas acima de tudo, o que eu venho pesquisando nesse álbum, é se é possível encontrar a diferença na repetição. E mais do que qualquer outra coisa, como a gente encontra, como a gente

> percebe a repetição na diferença. Trava-línguas é uma elaboração de rotas de fuga. Trava-línguas tem a ver com esse meu momento no mercado da música. É um pedido para que olhem pra mim de novo. É completamente diferente de tudo aquilo que eu vinha experimentando em Pajubá. Talvez radicalmente diferente, mas ainda assim na diferença, muito provavelmente, tem coisas que se repetem. Então é esse processo de investigação entre a diferença e a repetição. Naquilo que é difícil de ser dito e que é difícil de ser capturado. Porque Trava-línguas é uma rota de fuga desse mercado. Eu encaro a palavra pela sua superfície e na sua profundidade. Na sua forma e no seu conteúdo. A música, a arte, a palavra produz. Por isso eu tenho essa investigação em perceber quais são as palavras que estão me rondando, permeando meus pensamentos em determinados momentos. Eu começo a perceber e atrair essas palavras pra mim. A perceber o que elas significam e a brincar com elas de alguma forma, movendo elas e entre elas formando um novo jogo e percebendo que outros significados e outras sensações essas palavras podem formar

A nova configuração cultural no Brasil, com o fortalecimento de mídias alternativas e a reestruturação do que é compreendido como mídia tradicional, abriu oportunidades para que um novo ciclo de artistas LGBTQIAP+ se fortalecesse. No país de artistas como Ney Matogrosso[22] e Dzi Croquetes[23], poderia se imaginar que esse movimento seria natural, mas pode-se afirmar que isto ainda representa uma contracultura em nosso país.

Trajetórias como a de Glória e Linn apontam para um lugar de intersecção das pautas, para além de uma representatividade da comunidade *gay*, mas sim das

---

[22] Ney Matogrosso é cantor, compositor e dançarino brasileiro. Ex-integrante do grupo Secos e Molhados e ícone de resistência da arte LGBTQIAP+ nas décadas de 1970 e 1980.

[23] Dzi Croquettes foi um grupo de teatro e dança brasileiro da década de 1970 reconhecidos pela sua irreverência e resistência ao abordar pautas da comunidade LGBTQIAP+ em suas peças em meio a ditadura militar no Brasil.

outras letras da sigla LGBTQIAP+, bem como os recortes de raça, territorialidade, classe social e colonialidade.

Contudo, percebe-se como a figura da *drag queen* aparenta ter maior assimilação pela mídia de massa do que a figura da travesti, ainda com o estigma da marginalização. Ainda que a figura abordada seja a do esteriótipo da "bixa afeminada", Glória permanece sendo um homem cisgênero.

Glória tem mais acessos a programas de televisão aberta, alcança a públicos de massa, faz shows para públicos maiores. Em suas entrevistas responde sobre as suas referências com ritmos populares, sua estratégia comercial, seus investimentos. Ao passo que Linn se desdobra mais sobre temas políticos, sua identidade, seu corpo, e seu processo criativo de forma tão descritiva que permite inferir uma possível explicação para sua validação. Quase como se a complexidade conceitual de sua obra fosse obrigatória para alcançar os espaços de notoriedade para o corpo travesti, higienizando-o de sua marginalidade.

Esta inferência é corroborada também pela comparação numérica entre os resultados dos trabalhos lançados pelas artistas. Em levantamento realizado em junho de 2022, Glória Groove possui 4,5 milhões de seguidores em sua conta no *Instagram*, 3,26 milhões de inscritos em seu canal do *Youtube*, 5 milhões de ouvintes mensais e 69 milhões de *streams* em sua música *A Queda* no *Spotify*. Linn da Quebrada, por sua vez, possui 3,1 milhões de seguidores no Instagram, 123 mil inscritos no seu canal do *YouTube*, 207 mil ouvintes mensais no *Spotify* e 3 milhões de *streams* em sua música Necromancia no *Spotify*.

Recentemente, Linn participou da 22ª edição do programa Big Brother Brasil (BBB), programa da Rede Globo no formato de reality show. No programa a artista foi a primeira travesti a ganhar uma prova do líder[24]. A primeira candidata trans do BBB, Ariadne Arantes, foi a primeira eliminada de sua edição no ano de 2011. Em um programa em que o voto popular define quem é eliminado semanalmente, o fato de Lina ter sido a 12ª eliminada abriu possibilidades para que o Brasil fosse apresentado a uma vivência travesti em horário nobre da televisão aberta.

[24] A prova do líder é um marco do programa Big Brother Brasil, semanalmente os participantes concorrem pela liderança em diversos formatos de prova para conquistar o poder de indicar outro participante para o paredão (expressão usada para designar os participantes que estão na votação pública de eliminação semanal).

Exemplo disso é o debate sobre o respeito aos pronomes das identidades trans e travestis. Lina possui uma tatuagem do pronome “ELA” na testa e, ainda assim, alguns integrantes do programa se equivocaram a chamando no masculino, mais de uma vez. Lina, sofrendo os ataques, se posicionou de forma empática e didática e obteve um resultado positivo de imagem perante o público.

Os reflexos do programa nas redes sociais, especialmente no twitter, foram positivos. Diversas celebridades declaram apoio a Lina no programa, torceram, convocaram mutirões entre seus fãs para que Lina permanecesse na casa[25] por mais tempo.

É importante destacar a necessidade de Lina se apresentar como uma figura didática para que o público não a rejeite. Visto a construção de imagens de agressividade e marginalidade de pessoas trans e travestis na mídia de massa. (WASSER, 2020 p.14 - 20)

5. Considerações finais

A arte, a música, as pautas político-sociais e a diversidade estão atreladas há bastante tempo, como afirma Wasser (2020). Discurso e vivência se misturam na estética da música produzida pela comunidade LGBTQIAP+. É impossível ignorar as pressões sociais de classe, raça e gênero impostos incessantemente sobre esses corpos e que inevitavelmente serão transmitidas em suas obras.

Pode-se afirmar que a comunidade LGBTQIAP+, contudo, não é homogênea. Há diversidade, divergências, opressões, pautas específicas e interseccionalidades. A música e o discurso deste grupo, portanto, não são padronizados. Os acessos dos artistas não são os mesmos, e pode-se inferir a ligação deste fato com a maior opressão sofrida por algumas identidades em relação a outras dentro da comunidade.

Neste artigo, avaliou-se, por meio da análise de entrevistas disponíveis na plataforma *YouTube* das artistas Glória Groove e Linn da Quebrada, quais são as semelhanças e divergências das trajetórias artísticas das cantoras e compositoras

[25] Expressão utilizada como sinônimo de permanecer no programa. Isto ocorre porque o programa utiliza muito da frase “a casa mais vigiada do Brasil” em seu material de divulgação.

LGBTQIAP+, bem como quais pautas são abordadas em suas entrevistas e como os temas debatidos pelas artistas são apresentados.

Para isto, investigou-se previamente os canais em que estes conteúdos foram originalmente veiculados: televisão e internet.

Percebe-se que a televisão, apesar de seu grande alcance de público e territorialidade em massa, ainda apresenta conservadorismo em sua linha editorial, o que tem mudado paulatinamente na última década.

A internet, por sua vez, demonstra maior abertura para o debate de temas preteridos pelos veículos de massa tradicionais, contudo apresenta um campo aberto e com poucas e ineficientes mediações, mostrando que a sensação de avanço nas pautas sociais dos últimos anos pode ser vista como uma verdade parcial atrelada a um crescimento de discursos conservadores que coexistem neste mesmo sistema que se retroalimenta com base em um algoritmo que não colabora para a construção de uma síntese dialética, mas sim para a segregação em grupos de pensamentos concordantes.

Neste campo que se dá a análise do objeto de pesquisa do artigo. Levando em consideração o contexto cultural e social no Brasil, bem como a estrutura posta dos canais de comunicação, nota-se uma diferença discursiva entre as artistas, ainda que ambas pertencentes à comunidade LGBTQIAP+, racializadas e originadas na mesma região geográfica da cidade de São Paulo, a Zona Leste.

Glória Groove, como homem cis, *gay* e *drag queen*, trabalha com uma estética artística mais despretenciosa no sentido discursivo. Apesar de suas composições serem carregadas de mensagens potentes vinculadas ao grupo em que está inserida, Glória trabalha com o universo *pop*, com letras objetivas, claras e galgando uma aproximação com o *mainstream* e, por isso, mais comercializável.

Já Linn, enquanto travesti, se posiciona como artista de base conceitual densa. Por mais que utilize de ritmos populares, como o funk, em suas letras faz críticas profundas e radicais ao sistema sexo-gênero, com um jogo de palavras subjetivo e poético, o que a afasta dos grandes atores do mercado fonográfico.

Pode-se concluir que estas diferenças se focalizem apenas em decisões discursivas de cada uma das artistas em relação a seu trabalho. Porém,

considera-se curioso notar como o corpo de um homem que se apropria de signos femininos para uma performance artística tem maior aceitabilidade no mercado do que uma travesti.

Em próximas pesquisas, é importante se debruçar sobre até que ponto as identidades cis masculinas da comunidade LGBTQIAP+ podem ter maior espaço no mercado da música brasileira, analisando um grupo maior de artistas com recortes de classe, raça e gênero.

6. Referências

ARAÚJO, Luisa Maranhão de. **A apropriação da internet, como meio de comunicação, pelos movimentos sociais de mobilidade urbana no Brasil**. 2014.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. 19ª. ed. [*S. l.*: *s. n.*], 2020. 287 p.

CAMPOS, Diego Monteiro Gomes de. **Potencialidades para criação do Território de Interesse da Cultura e da Paisagem (TICP) Jacú Pêssego, zona leste da cidade de São Paulo**. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 42. ed. [S. l.]: Editora Vozes, 1975. 302 p.

MIGUEL, Paulo Augusto Cauchick et al. **Metodologia de Pesquisa em Engenharia de Produção e Gestão de Operações**. 2ª. ed. rev. [S. l.: s. n.], 2012.

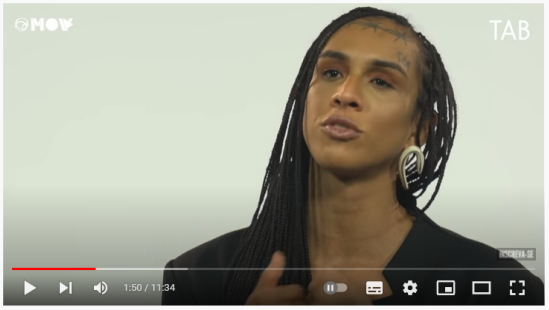
SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. **UFRJ**, [S. l.], p. 1-2, 30 dez. 2010. *E-book.*.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9ª. ed. rev. [*S. l.*: *s. n.*], 2011. 427 p.

WASSER, Nicolas. O movimento musical LGBT e seus contramovimentos. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 8, n. 20, p. 50-77, 2020.

WILLIAMS, Raymond. A Cultura é de Todos. **Departamento de Letras USP**, [S. l.], p. 1-12, 31 dez. 1958. *E-book*.

7. Anexos



Os feitiços e os desejos de Linn da Quebrada

Anexo 1: Entrevista Linn para o OUL TAB, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=ExIrwc_HVtw. Acesso 10 de março de 2022.

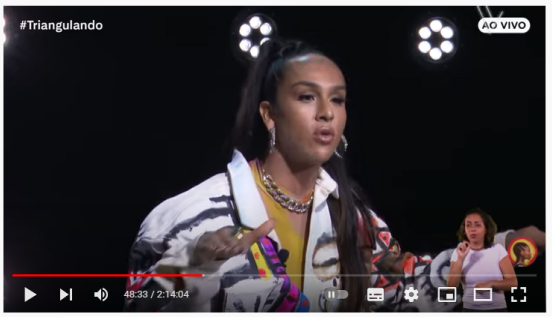
#SaiaNoGNT #LinnDaQuebrada #AstridFontenelle
Linn da Quebrada fala sobre as várias personagens que criamos para nos proteger | Mini Saia

Anexo 2: Entrevista Linn para o Saia Justa, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=KnKxTgPaiLE. Acesso 10 de março de 2022.

A

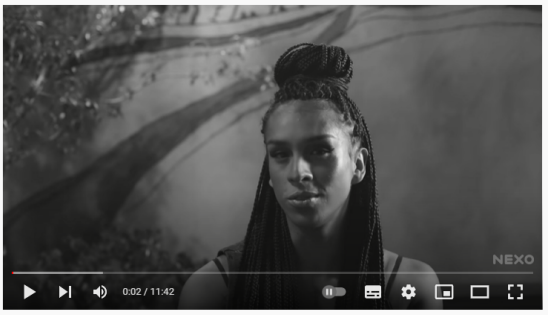
Linn da Quebrada no Cultura Livre | Bônus

Anexo 3: Entrevista Linn para o canal Cultura Livre, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=SFxIhJAwN2U&t=1s Acesso 10 de março de 2022.



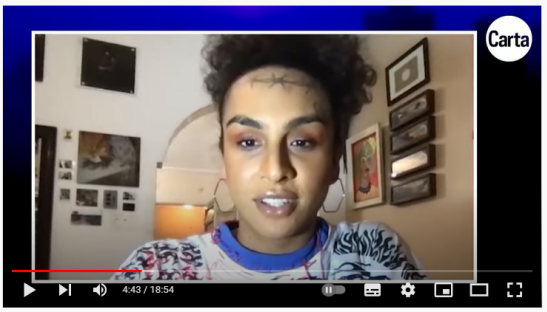
#Triangulando
TRIANGULANDO com Lula, Linn da Quebrada, Celso Athayde e Gil do Vigor: Desigualdade Social

Anexo 4: Entrevista Linn para o Triangulando, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=-_6L_YxJlHM. Acesso 10 de março de 2022.



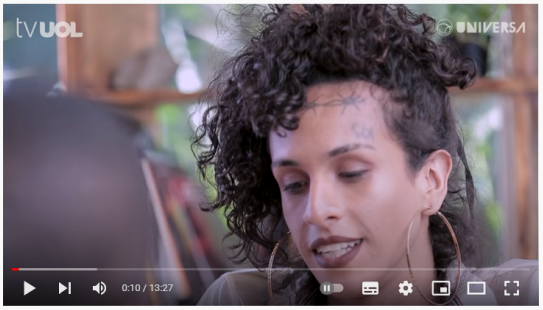
A música e os corpos políticos, com Linn da Quebrada

Anexo 5: Entrevista Linn para o Nexo Jornal, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=W17OoImPFV4. Acesso 10 de março de 2022.



LINN DA QUEBRADA EXPLICA O PODER DA PALAVRA EM SUA MÚSICA | Entrevista

Anexo 6: Entrevista Linn para a Carta Capital, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Y6OQb3m3w4s. Acesso 10 de março de 2022.

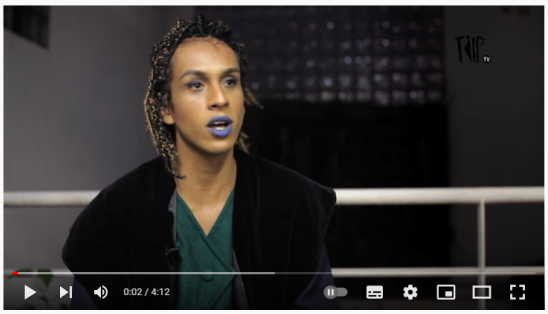


LINN DA QUEBRADA QUESTIONA DEUS, O SISTEMA E QUER SER DONA DO PRÓPRIO CORPO

Anexo 7: Entrevista Linn para a revista Carta Capital, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=uH402Jn43-0&t=9s. Acesso 10 de março de 2022.

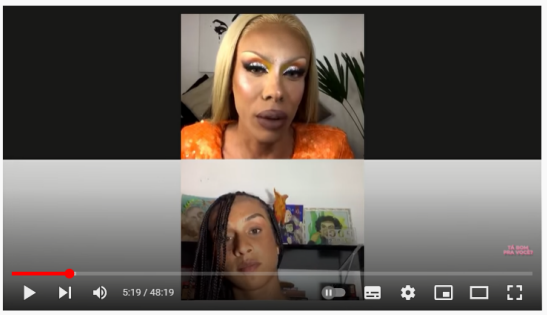
#Transmissão #JudithButler #LinndaQuebrada
Judith Butler debate os problemas de gênero com Linn da Quebrada e Jup do Bairro | Transmissão

Anexo 8: Entrevista Linn para Programa Transmissão, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=DMge3Uc9sUs. Acesso 10 de março de 2022.



Eu gosto mesmo é das bicha

Anexo 9: Entrevista Linn para o Nexo Jornal, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=A9KKFSyvlS4. Acesso 10 de março de 2022.



FRENTE A FRENTE com LINN DA QUEBRADA | Bianca DellaFancy

Anexo 10: Entrevista Linn para o canal Bianca Dellafancy, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Nn5Vd7C2YHM&t=3s. Acesso 10 de março de 2022.

#A2SP ep05: Liniker e Linn da Quebrada discutem o peso da representatividade

Anexo 11: Entrevista Linn para o A2SP disponível em https://www.youtube.com/watch?v=kbvylz0fC-I&t=2s. Acesso 10 de março de 2022.

ENTREVISTA: LINN DA QUEBRADA & JUP DO BAIRRO - Aquecimento TRANSmissão | Canal Brasil

Anexo 12: Entrevista Linn para o canal Spartakus, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=t0hjZOd8gR0. Acesso 10 de março de 2022.

Leo Dias entrevista Gloria Groove

Anexo 13: Entrevista Glória Groove para o canal Metrópole, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=D436gGYnQbs. Acesso 10 de março de 2022.

Entrevista com Gloria Groove | The Noite (11/07/18)

Anexo 14: Entrevista Glória Groove para o The Noite, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Bxcxq--mDcU. Acesso 10 de março de 2022.

RÁDIO SALVADOR FM POP
Gloria Groove no Larica Pop

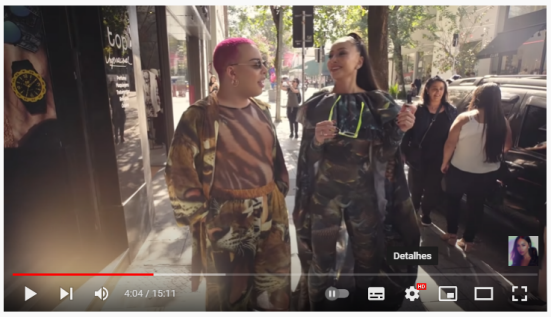
Anexo 15: Entrevista Glória Groove para o Larica Pop, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=CLTw97ZSsTs&t=600s. Acesso 10 de março de 2022.

#GloriaGroove #TiagoAbravanel #SaiDaCaixa
Tiago Abravanel recebe Gloria Groove e cantam sucessos da Elis Regina | Sai da Caixa

Anexo 16: Entrevista Glória Groove para o Canal OUL, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=boMxg8Rowcg&t=217s . Acesso 10 de março de 2022.

ENTREVISTA COM GLORIA GROOVE: A CAMINHADA PELO TEATRO, DUBLAGEM, MÚSICA | #ExpressoTNT

Anexo 17: Entrevista Glória Groove para o Expresso TNT disponível em https://www.youtube.com/watch?v=V6W8LOHr6gQ. Acesso 10 de março de 2022.



#TheWalkShow #SabrinaSato #GloriaGroove
THE WALK SHOW com GLORIA GROOVE | Sabrina Sato

Anexo 18: Entrevista Glória Groove para o The Walk Show, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=rSe5c4QlPeA&t=2s. Acesso 10 de março de 2022.

Entrevista exclusiva com Gloria Groove

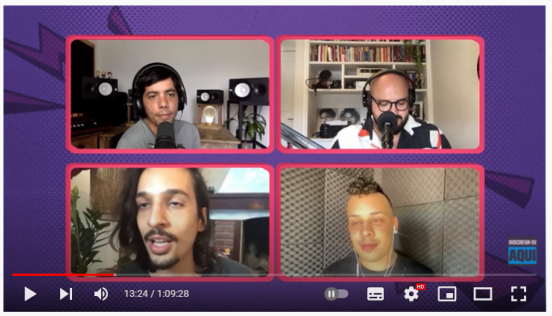
Anexo 19: Entrevista Glória Groove para o SBT Rio, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=CLd32zD59tw. Acesso 10 de março de 2022.

RESPEITÁVEL PÚBLICO... A ASCENSÃO DE GLORIA GROOVE!

Anexo 20: Vídeo sobre Glória Groove no canal Anderson Vieira, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=TGy-04M65_w. Acesso 10 de março de 2022.

A diversidade de Gloria Groove

Anexo 21: Entrevista Glória Groove para a Veja disponível em https://www.youtube.com/watch?v=ovRDCaveqZU&t=4s. Acesso 10 de março de 2022.

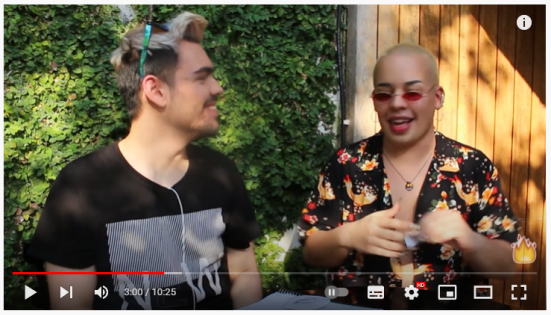


Glória Groove EXPÕE os perrengues e o glamour por trás da produção de um VIDEOCLIPE! | Sobe o Som

Anexo 22: Entrevista Glória Groove para o Sobe o Som disponível em https://www.youtube.com/watch?v=0eG1aOqvz54. Acesso 10 de março de 2022.

Luciana By Night (29/05/18) | Completo

Anexo 23: Entrevista Glória Groove para o Luciana By Night disponível em https://www.youtube.com/watch?v=3TUnw5hEhFc. Acesso 10 de março de 2022.



THE LATE BIRDS LISBON
ENTREVISTA COM GLORIA GROOVE EM LISBOA

Anexo 24: Entrevista Glória Groove para o canal Andrew is Shook disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Q3E63NmShP0. Acesso 10 de março de 2022.